
Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XXVI)

Ulrich Huar

Capítulo III

1943 – O Ano da Viragem

A ideia da ofensiva geral

Na sua ordem n.º 95, de 23 de Fevereiro de 1943, Stáline avisava que não se devia subestimar as forças do adversário depois da derrota em Stalingrado. O inimigo tinha sofrido uma derrota, mais ainda não tinha sido vencido. O exército fascista alemão passava por uma crise, mas ainda podia recuperar. O combate ainda não tinha chegado ao fim. «*O Exército Vermelho está perante um duro combate contra um inimigo ainda poderoso, cruel e traiçoeiro. Este combate irá exigir tempo, sacrifícios e esforços das nossas forças e a mobilização de todos os nossos recursos.*»¹

Esta avaliação realista, que correspondia à situação nas frentes, incluía também aspectos psicológicos e diplomáticos. Os trabalhadores com o uniforme do Exército Vermelho ou nas fábricas da retaguarda tinham de estar preparados para o longo caminho da libertação do país, cheio de privações e sacrifícios.

Esta correcta avaliação da situação parece contradizer a orientação de Stáline para uma ofensiva geral em toda a frente, do Mar Báltico até ao Mar Azov. Tal ofensiva traduz uma sobrestimação das possibilidades próprias e uma subestimação das do adversário. Porém, a ideia de uma ofensiva geral não deve ser só atribuída a Stáline. Correspondia também à opinião dos membros do QG. A partir dos documentos não me foi possível determinar a profundidade das discussões ou se foram manifestadas opiniões contrárias. Mas, enquanto comandante supremo, Stáline era o responsável por esta ideia.

Inicialmente a ideia da ofensiva geral referia-se só à Frente Sul, do mar de Azov à região de Kursk-Kharkov-bacia do Donets. O QG considerava a situação nesta região propícia a uma ofensiva. A operação de ataque na direcção de Kharkov devia ser simultânea com a libertação da bacia do Donets.

¹ SW 14/307.

De acordo com o plano do QG, devia executar-se um ataque aniquilador contra o grupo de exércitos do centro, na direcção ocidental. A Noroeste estava prevista a anulação dos avanços das tropas alemãs na frente junto a Demiansk e no nó ferroviário de Mga.²

O general do exército Rokossóvski, comandante da Frente Central, que juntamente com a frente de Briansk devia conduzir «*um ataque profundo na direcção de Gomel-Smolensk*» (ambas as cidades distam cerca de 290 quilómetros em linha recta, UH), relata a execução da ofensiva geral na sua secção da frente, considerando-a «*uma operação genial*».

O QG determinou o início da ofensiva para 15 de Fevereiro de 1943. Esta data, segundo Rokossóvski, não podia ser cumprida. O QG recusou as suas objecções. Uma grande parte do seu exército (a «Frente Don», renomeada em «Frente Central», UH), que tinha participado na batalha de Stalingrado, ainda se encontrava nessa região. Essas tropas tinham primeiro de ser deslocadas para a zona de concentração em Jelez – a cerca de 600 quilómetros – através de uma linha férrea de via única parcamente recuperada. Isto revelou-se extremamente difícil. O caminho-de-ferro não preparado para transportar um número tão grande de tropas com o seu equipamento técnico e de abastecimento, munições, combustível, mantimentos, hospitais militares, etc. Para além disso havia informações sobre deficiências na linha, o que piorava ainda mais a situação: «*O NKVD³ foi incumbido de acelerar a transferência das tropas*».⁴ (Rokossóvski não refere o nome de quem deu esta infeliz ordem. Para evitar interpretações tendenciosas, ela pode ter sido dada por Stáline, mas não obrigatoriamente. Stáline não decidia todos os detalhes. Os comandantes das frentes, em algumas situações, também se socorriam do NKVD. É ainda preciso ter-se em linha de conta de que havia na retaguarda elementos que praticavam actos de sabotagem).

Os resultados desta decisão revelaram-se catastróficos. Os camaradas do NKVD não eram especialistas em transporte ferroviário. Baralharam tudo. Não havia nenhum plano de transporte. As unidades começaram a chegar misturadas à zona de concentração; a artilharia atingia a estação de destino enquanto os seus equipamentos, os carros de tracção, cavalos e viaturas permaneciam nas zonas de origem; meios técnicos de combate eram descarregados numa estação, as tropas noutra. Havia comboios parados durante dias nas estações ou em linhas de desvio.

Rokossóvski dirigiu-se ao QG solicitando a retirada dos camaradas do NKVD para permitir que a direcção dos caminhos-de-ferro trabalhasse autonomamente. O pedido foi aceite. Os ferroviários necessitaram de bastante tempo para desenvencilhar o caos.⁵

O ataque teve de ser adiado para 25 de Fevereiro, mas nessa data uma parte das tropas ainda não se encontrava na zona de concentração. O 21.º Exército ainda estava a caminho de Jelez (onde se encontra o estado-maior da Frente Central, UH), o 70.º Exército da reserva do QG também ainda não tinha chegado. No entanto, de acordo com a ordem do QG, o ataque devia iniciar-se.

Nestas condições, a Frente Central não podia cumprir as tarefas colocadas pela ofensiva. De acordo com as informações transmitidas por Rokossóvski a Stáline, o plano acabou por

² História da II Guerra Mundial 1939-1945, vol. 6. *A Profunda Alteração na Guerra*. Editado pelo Instituto de História Militar do Ministério de Defesa da URSS. Instituto do Marxismo-Leninismo junto ao CC do PCUS. Instituto de História Geral da Academia das Ciências da URSS. Instituto para a História da URSS da Academia das Ciências da URSS. Edição alemã da Editora militar da RDA, Berlim 1979, pp. 154 – 156. (De seguida designada Hist. II GM).

³ Comissariado do Povo para os Assuntos Internos. (NT)

⁴ K. K. Rokossóvski, *Dever de Soldado. Memórias de um Comandante da Frente*, Moscovo 1968/Berlim 1971, p. 234 e seg.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 235.

ser alterado, mas teve «*pouco êxito*». Também houve dificuldades na Frente de Briansk e Voronej. O QG viu-se obrigado a assumir «*a decisão correcta e corajosa*» de «*suspender o ataque a Oriol*» e passar à defesa.

Não tinha escapado aos serviços de informação soviéticos que o adversário concentrava tropas na secção central. Rokossóvski enviou uma informação a Stáline sobre a preparação de uma «*ofensiva decisiva*» do adversário em Kursk. (Uma vantagem soviética na frente entre Oriol a Norte e Belgorad a Sul, UH). O adversário queria «*alcançar com forças ainda mais poderosas, o que não tinha conseguido no Inverno*». Rokossóvski chamou a atenção para a necessidade de constituir «*reservas fortes*» adstritas ao QG.⁶

Até que ponto a sua informação teve influência, não o podia dizer, uma vez que «*a situação geral*» tinha concentrado a atenção em Kursk. Entre Maio e Junho, O QG formou uma poderosa reserva na retaguarda da Frente Central e de Voronej. O apelo de Rokossóvski para se «*constituir reservas seguras em Kursk*» foi, assim, «*concretizado*».⁷

Apesar da preparação insuficiente, a ofensiva soviética no Sul em Fevereiro conduziu à libertação de Kursk e Belgorod e, em 15/16 de Fevereiro, à libertação de Kharkov.

A Norte, as tropas da Frente de Volkhov e de Leningrado ocuparam, a 18 de Janeiro, a cidade de Chlisselburg, romperam o cerco de Leningrado e estabeleceram um corredor com 12 quilómetros de largura a Sul do lago de Ládoga. Como relatou o general do exército Merezkov, comandante da Frente de Volkhov, o QG tinha utilizado no Sul a maior parte dos seus meios. Na Frente de Volkhov, tinha-lhe sido incumbida a tarefa de manter «*a qualquer preço*» o corredor para Leningrado com as forças existentes. Com o avanço para Chlisselburg terminara a ofensiva da Frente de Volchov e de Leningrado. As tropas da frente de Volkhov e de Leningrado (comandante general Govorov) tinham agora, durante 12 meses, de conduzir operações militares na direcção de Mga e operações secundárias noutras secções. Nestes combates criaram-se as condições prévias para o ataque posterior no Báltico.⁸

Stáline informou pessoalmente Merezkov e Govorov sobre a ideia da «*ofensiva geral*», apesar de não ter sido usado este termo. Este termo, provavelmente, foi utilizado mais tarde na historiografia da II Guerra Mundial.

A ideia da ofensiva geral previa a coordenação de acções em cinco frentes: Central, Briansk, Oeste, Kalínine e Noroeste. As primeiras três deviam alcançar Smolensk, por Oriol e Briansk. Isto devia permitir à Frente Noroeste liquidar o avanço das tropas alemãs em Demiansk, avançar para a retaguarda das tropas fascistas, que se encontravam perante a frente de Volkhov. Merezkov considerou este plano do QG «*promissor*».⁹

Na Frente Noroeste as tropas soviéticas encontraram «*forte resistência*». Em Março, o QG adiou várias vezes o ataque na região de Mga. Finalmente teve «*de se renunciar ao ataque*». «*O Exército Vermelho*», resumiu Merezkov «*tinha alcançado êxitos significativos, mas os nossos comandantes ainda tinham de aprender coisas na difícil arte de conduzir a guerra moderna*».¹⁰ Não me posso pronunciar até que ponto ele deixou de fora Stáline nesta observação salomónica sobre os «*comandantes*».

⁶ Idem, *ibidem*, p. 240-43.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 245.

⁸ K. A. Merezkov, *Ao Serviço do Povo*, Moscovo, 1968/Berlim, 1982, 3ª ed., pp. 282-84.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 291.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 292 e seg.

Pela primeira vez, na Frente de Volkhov, as tropas soviéticas defrontaram-se com os tanques alemães «Tiger». Com isto, «*as baixas na nossa frente aumentaram rapidamente*», escreveu Merezkov. Uma parte da artilharia antitanque soviética já não era capaz de combater eficientemente os «Tiger». O QG levou « *muito a sério*» a informação de Merezkov. O programa da indústria de defesa teve de ser alterado num curto espaço de tempo, os construtores foram instruídos para produzirem novos canhões e granadas.¹¹

Naturalmente que um comandante de frente não podia fazê-lo, nem era essa a sua tarefa. Este problema só podia ser resolvido pelo QG, e não por último, por Stáline Comandante Supremo e Presidente do Conselho dos Comissários do Povo. Trata-se aqui simplesmente de esclarecer que o comandante supremo não era só responsável pela elaboração das estratégias das frentes, mas também pela indústria de defesa na retaguarda. Esta concentração de poder, Secretário-Geral do PCUS (B), Comandante Supremo e Presidente do Conselho dos Comissários do Povo nas mãos de Stáline revelou-se, sob as condições históricas concretas da defesa da União Soviética, uma luta de vida ou de morte, necessária e deu provas. Sob condições pacíficas normais uma tal concentração de poder não é necessária e pode ter consequências indesejáveis, até mesmo prejudiciais. Mas em que época teve a União Soviética condições de existência «*normais, pacíficas*»? Durante a vida de Stáline de forma nenhuma.

Como escreveu Merezkov, este problema foi tratado «*ao mais alto nível*», criou-se uma «*comissão especial*» para a elaboração de medidas. «*Esta abordagem operativa das questões teve êxito.*»¹² A produção de uma nova geração de armamento era uma parte, mas depois as tropas também tinham de receber a respectiva formação, «*aprender a manusear as novas armas, alterar a sua tática e aprender a combater os «Tiger».*»¹³

Os novos tanques «Tiger», «Panther» e o canhão autopropulsado «Ferdinand», apesar da sua perigosidade, também não evitaram a derrota dos fascistas. Em 1943, a retaguarda das tropas soviéticas forneceu «*um número tão elevado de novas técnicas de combate e outro material, que foi possível uma mudança decisiva em nosso favor.*»¹⁴

O general Moskalkenko descreve a tática dos soldados soviéticos no combate contra o «Tiger», um «*tanque assustador*». Os soldados tinham de ser bem preparados para rechazar os ataques dos tanques. «*Deitavam-se nas valas dos tanques, familiarizavam-se com as novas granadas antitanque e aprendiam a conhecer os pontos fracos dos tanques alemães. Para além disso, os artilheiros recebiam, imediatamente antes do combate, granadas antitanque para os canhões de 45 mm, 57 mm e 76 mm, assim como foguetes antitanque para os canhões de 76 mm e obuses de 122 mm. A utilização destas granadas, que chegaram a tempo, limitou significativamente as possibilidades dos tanques alemães e dos canhões autopropulsados.*»¹⁵

O Alto Comando da *Wehrmacht* (ACW), depois da derrota em Stalingrado, operou uma significativa reorganização e reduziu as frentes. A esta reorganização pertence a retirada da ala direita do Grupo de Exércitos do Don para além do rio Mius, o que permitiu o posicionamento de poderosas forças para a contra-ofensiva.¹⁶ Como não existia uma segunda frente e também não era previsível que existisse nos tempos mais próximos, o

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ K. S. Moskalkenko, *Na Direcção Sudoeste*, Vol. 2, Moscovo, 1975/Berlim, 1971, p. 21. Cf. também *História da II Guerra Mundial*, Vol. 7, p. 169.

¹⁶ *História da II GM*, Vol. 6, p. 162.

ACW pôde retirar algumas divisões a Oeste e utilizá-las na secção em risco da frente germano-soviética.

Desde Janeiro, as tropas soviéticas tinham sofrido pesadas baixas consecutivas nas suas operações de ataque, principalmente na direcção de Kharkov. Também estavam cansadas e precisavam de se restabelecer.

A ofensiva soviética foi «*abrandando*». Em algumas secções, o rápido avanço – em alguns sectores até 300 quilómetros – prolongou as linhas de ligação com os serviços na retaguarda. Os aeroportos que serviam os aviões de combate, cujo raio de acção era pequeno ou médio, estavam agora muito longe. Os efectivos dos exércitos tinham de ser repostos. Assim, a relação de forças, a Sul, tinha-se alterado a favor das tropas alemãs. Os alemães tinham uma superioridade de 20 por cento nos tanques e 140 por cento nos aviões. Contudo o QG estava decidido a continuar a ofensiva. O QG supunha que as tropas alemãs retirariam para o Dniepre. Assim, o comandante da Frente de Voronej recebeu de Stáline a ordem de «*fazer recuar o adversário o máximo possível depois de Kharkov, de forma a que o governo da República Socialista da Ucrânia possa trabalhar nesta cidade.*»¹⁷

A contra-ofensiva alemã iniciou-se a 19 de Fevereiro. O QG e também o general de Brigada Vatutine, comandante da Frente Sudoeste, subestimaram o perigo iminente para as tropas soviéticas mais avançadas. Algumas unidades pertencentes à Frente Sudoeste do 6.º Exército ficaram cercadas. Só a 25 de Fevereiro, Vatutine recebeu a ordem para retirar a ala direita da Frente Sudoeste para o Norte de Donets. A 3 de Março, as unidades soviéticas tinham ocupado as suas posições de defesa na margem esquerda do Donets. As tentativas do adversário de forçar o rio podiam agora ser rechaçadas.

Na literatura militar soviética refere-se reiteradamente «*as pesadas baixas*» em pessoas e armamento do Exército Vermelho, mas quase não há referências estatísticas. As tropas soviéticas na região de Kharkov não possuíam reservas operativas. A 4 de Março iniciou-se a operação de defesa, designada combate de defesa na história militar soviética, que durou até finais de Março. Depois de cinco dias de combates com pesadas baixas de ambos os lados, as tropas alemãs entraram em Kharkov a 17 de Março e em Belgorod a 18. O avanço para Kursk pôde, no entanto, ser repellido.

Por ordem de Stáline, o general Vassiléviski (chefe do Estado-Maior) deslocou-se à frente de Voronej e o general Júkov à região de Obajan. Ambos tinham a missão de ajudar os comandantes e a coordenar a sua defesa. A 25 de Março a frente estabilizou.¹⁸ A ideia da ofensiva geral foi um erro? A ofensiva teve êxito até à libertação, em meados de Fevereiro, de Kharkov, Belgorod, Kursk e Rostov. Depois, numa perspectiva **actual** e com os conhecimentos **actuais**, o Alto Comando soviético deveria ter passado à defesa. O conhecimento dos serviços de inteligência sobre o real poder do adversário nesta região, que se prolongava por centenas de quilómetros, era deficiente. Não só Stáline, mas também os outros membros do QG e os comandantes das frentes subestimaram as capacidades do adversário. Mas, enquanto comandante supremo, Stáline era o responsável. O que se pode criticar na sua decisão é não ter tido suficientemente em consideração o estado das tropas, que tinha de ser do seu conhecimento. As baixas em pessoas e armamento tinham de ser do seu conhecimento, mesmo com informação incompleta. Stáline estava em contacto permanente com os comandantes das frentes. No seu caderno de apontamentos anotava informações exactas sobre os efectivos das frentes e exércitos, sobre a sua composição, armamento, abastecimento. Também sabia que sem reservas operativas uma ofensiva era uma operação muito arriscada e que a frente não se deve afastar muito da sua base de

¹⁷ Idem, ibidem, p. 164.

¹⁸ Idem, ibidem, pp. 164-172

abastecimento. Também sabia que não devia esperar nenhum reforço dos seus parceiros de coligação ocidentais, como prova a troca de correspondência com o presidente Roosevelt, de Janeiro a Março de 1943. Assim, Stáline, na sua mensagem a Roosevelt de 13 de Janeiro, descreve a consternação dos seus colegas porque «*as operações no Norte de África paralisaram e, como se diz, ... por muito tempo*».¹⁹

Numa outra mensagem a Roosevelt, de 16 de Fevereiro, Stáline considerava «*pouco desejável*» o adiamento do fim dos combates na Tunísia. «*Neste exacto momento, dado que as tropas soviéticas ainda se encontram com capacidade para manter a sua ofensiva geral, é urgentemente necessária a actividade das tropas anglo-americanas no Norte de África.*»²⁰ Stáline sublinhou a Roosevelt que, «*a rápida criação da segunda frente*» era «*a questão central*» e lembrava que Roosevelt e Churchill «*consideravam possível a criação da segunda frente já em 1942, em todo o caso, o mais tarde na primavera deste ano.*»²¹

Tendo em conta o empenho compreensível em expulsar os fascistas o mais depressa possível, a continuação da ofensiva depois da libertação de Kharkov, Belgorod, Kursk e Rostov foi um sério erro operativo.

Mas também os fascistas não puderam alcançar os seus ambiciosos objectivos com a sua contra-ofensiva. Para além de alguns êxitos territoriais, na verdade, também a reconquista de Kharkov e Belgorod só provocou baixas. Nem sequer teve significado estratégico, como resumiu o general de infantaria Kurt von Tippelskirch, ainda que «*o resultado dos combates em Kharkov*» tenha mostrado «*a força que ainda existe nas tropas alemãs quando são conduzidas por uma mão forte e conhecedora, de acordo com princípios operativos e tácticos saudáveis.*»²²

Esta «*força*» invocada por Tippelskirch não foi, porém, suficiente para «*cercar as tropas soviéticas na região de Kharkov e causar às nossas tropas um "Stalingrado alemão"*», esclareceu Stáline na sua ordem n.º 195, de 1 de Maio de 1943. «*A tentativa de o Alto Comando hitleriano se vingar de Stalingrado fracassou.*»²³

Existem diferentes informações sobre o número de divisões alemãs retiradas a Oeste. Stáline refere, na citada ordem, que foram retiradas «*trinta novas divisões*» da Europa ocidental.²⁴ Na História da II Guerra Mundial, volume 6, refere-se que foram retiradas oito divisões da região de Rostov e da Europa ocidental. O Grupo de Exércitos Sul dispunha de 30 divisões, das quais 13 divisões blindadas e de granadeiros.²⁵ Manifestamente existe um erro na reprodução da ordem de Stáline.

¹⁹ *Correspondência Stáline, Churchill, Attlee, Roosevelt e Truman, 1941-1945*, Berlim, 1961, p. 514.

²⁰ *Idem*, ibidem, p. 521.

²¹ *Idem*, ibidem, p. 526.

²² Kurt von Tippelskirch, *História da Segunda Guerra Mundial*, Bona, 1954, p. 283.

²³ SW14/310.

²⁴ *Idem*.

²⁵ História da IIª GM, vol 6, p. 164.